

# HABILIDADES DO SUJEITO NA EJA: UMA ANÁLISE SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

SKILLS OF THE INDIVIDUAL ENGAGED IN EJA: AN  
ANALYSIS OF THE SUPERVISED TRAINING

Jairo Soares\*

Thiago da Silva Weingartner\*\*

\* Pedagogo, professor no Ensino Fundamental no Estado do Rio Grande do Sul e aluno do curso de especialização em Gestão Estratégica Avançada de Pessoas pela Faculdade Anglo-Americano de Caxias do Sul. soaresjairo@yahoo.com.br

\*\* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria, professor coordenador do curso de Ciência da Computação e professor no curso de Pedagogia da Faculdade Anglo-Americano de Caxias do Sul.

## *Resumo*

O presente artigo relata a vivência de pesquisadores que atuaram na Educação de Jovens e Adultos – EJA, com foco na construção de habilidades e competências, desenvolvida no estágio supervisionado do curso de graduação em Pedagogia em uma faculdade na serra gaúcha. Na construção do referencial teórico, destacam-se autores como Antunes e Piaget. Através de instrumentos de avaliação, este estudo apresenta uma metodologia baseada nas atividades de aprendizagem dos sujeitos participantes, contrastando suas vivências com a teoria do tema.

*Palavras-chave:* Habilidades. Competência. Educação de Adultos

## *Abstract*

This study reports the experience of researchers who have worked in the youth and adult education – EJA, with focus on building skills and competencies developed in the supervised training in the undergraduate course of Education at a college in a town of Rio Grande do Sul. In the construction of the theoretical framework, authors such as Antunes and Piaget stand out. Through assessment instruments, this study presents a methodology based on learning activities of the individuals participating, contrasting their experiences with the theory of the subject.

*Keywords:* Abilities. Competencies. Adult Education.

## **1 Introdução**

Atualmente, a educação é vista como um dos pilares mais valiosos na sociedade. Sendo assim, sabe-se que é preciso avaliar as habilidades desenvolvidas na educação e entender seu processo, para que se possa avaliar as habilidades dos sujeitos em foco, sem deixar resquícios para seu futuro.

Hoje, quando se fala em avaliação na Educação de Jovens e Adultos - EJA, entende-se que é realizada com cada sujeito individualmente, tendo como ponto fundamental o processo de aprendizagem das habilidades. Desta forma, entende-se que, na EJA, as habilidades são o foco central da avaliação do sujeito. Necessita-se, então, dar atenção às habilidades desenvolvidas e não desenvolvidas na EJA, pois o sujeito já traz consigo uma história de vida, na qual se encontra habilidades já acrescidas. Focar nas habilidades ainda não desenvolvidas e continuar a desenvolver as já existentes permite que esse sujeito, no seu processo de aprendizagem, não fique em defasagem em relação aos outros sujeitos dentro da sociedade, que foram estimulados a desenvolver essas habilidades no decorrer da vida escolar “normal”.

Além de identificar as habilidades na EJA, o grande desafio encontrado na avaliação é encontrar formas de desenvolvê-las num contexto abrangente, no qual coloque em foco o sujeito, valorize sua história de vida e também explore essas habilidades nas já existentes. Mas, para que isso aconteça, é fundamental que a avaliação das habilidades seja um processo realizado com minúcia e de forma detalhada. Como objetivo geral, destaca-se a identificação do processo da avaliação das habilidades do sujeito na EJA sob o foco do estágio supervisionado do curso de Pedagogia. Especificamente, busca-se demonstrar as formas e os instrumentos usados nessa avaliação das habilidades, mostrando com maior clareza de dados como se identifica, na EJA, esse processo individual no sujeito.

## **2 Contextualização teórica do tema: as possibilidades de estágio na EJA**

Nesta pesquisa, entende-se por habilidades uma prática social em um contexto específico e como elas se relacionam com as necessidades, valores e histórias de vida.

No adulto, a cada um dos estágios passados corresponde a um nível mais ou menos elementar ou elevado da hierarquia das condutas. Mas cada estágio corresponde também a características momentâneas e secundárias, que são modificadas pelo desenvolvimento ulterior em função da necessidade de melhorar a organização. Cada estágio constitui, então, uma forma particular de equilíbrio, efetuando-se a evolução mental no sentido de uma equilibração sempre mais completa. (PIAGET apud SCHEIBEL, 2006, p. 36).

Deste modo, o desenvolvimento das habilidades pode acarretar a repetição ou reprodução de um processo em idades diferentes, o que, por sua vez, pode provocar defasagens cognitivas que levam a dificuldades de aprendizagens. Entende-se que defasagem, na acepção genérica, é a diferença de fase entre dois fenômenos ou estados. É necessário entender quais são esses fenômenos e estados e qual a denotação de defasagem no processo cognitivo do sujeito.

Na EJA, segundo a Lei de Diretrizes e Bases - LDB (1996), artigo 38, § segundo, os conhecimentos simples do sujeito, adquiridos em suas histórias e experiências de vida, somente têm valor mediante avaliação. “Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames”.

A verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais. (LDB, 2001, art. 24, inciso V, alínea a).

Entender que a avaliação das habilidades na EJA está fundamentalmente ligada a compreender e ter o olhar de mundo trazido com o sujeito leva a buscar uma avaliação construída socialmente.

Muitas vezes, mudamos o curso de um comportamento, ao perceber a resposta ou a reação estampada no rosto do outro, ao ouvir um comentário, ao ver um menear de cabeça, aprovando ou desaprovando o que estamos dizendo ou

fazendo. Nós avaliamos nosso próprio comportamento no processo de interação a partir dos indicadores constituídos pelas práticas culturais e pela convivência próxima com as pessoas da família, da comunidade.

A avaliação é, assim, socialmente construída e tem um papel importante na construção da autoimagem. (LIMA, 2002, p.7).

Observa-se que o educador analisa o sujeito e julga seu processo de aprendizagem a todo o momento, mesmo quando não se encontra em sala de aula, chegando-se ao ponto em que a avaliação somente é mais um passo para a construção do conhecimento.

A maior polêmica que se cria, hoje, em relação a uma perspectiva inovadora da avaliação, diz respeito à questão da melhoria da qualidade de ensino.

Muitos fatores dificultam a superação da prática tradicional, já tão criticada, mas dentre muitos desponta sobremaneira a crença dos educadores de todos os graus de ensino na manutenção da ação avaliativa classificatória como garantia de um ensino de qualidade, que resguarde um saber competente dos alunos. (HOFFMANN, 2003, p. 11).

Nessas diferentes formas que se observa a avaliação em todas as suas direções, pelas quais cada uma delas nos leva a diversas outras direções, é possível identificar que a avaliação, como ponto final no julgamento da aprendizagem do sujeito, não é de forma alguma concreta e sim abstrata. Isso acontece quando um caminho, que seria a avaliação, nos leva a diversos outros caminhos. A avaliação seria um complemento a mais na perspectiva de identificar o que conceitua a aprendizagem.

Avaliação são as diferentes formas, maneiras e instrumentos que se usa para medir as capacidades e habilidades de um sujeito. O termo “medir” é um tanto quanto reducionista, mas foi utilizado pelo ministro da educação Fernando Haddad em seu pronunciamento sobre o Enem. Pode-se realmente de alguma forma avaliar um sujeito através de medidas de suas capacidades e habilidades? Segundo Fleming (apud SOUZA 1991, p. 43), a respeito da avaliação, este é um processo e não uma atividade isolada:

Avaliação é contínua e não terminal. A avaliação é uma parte do ensino e não isolada do ensino. Avaliação envolve o levantamento de hipóteses: não é sempre possível prever suas consequências. Avaliação assume muitas formas e não é uma atividade isolada. Avaliação dá ênfase aos indivíduos e não apenas às matérias. Avaliação reflete valores e não os cristaliza. Avaliação é uma atividade simples, realista. Avaliação processa-se com pessoas e não é feita para pessoas. Avaliação pode ocorrer em grupos, ela não é sempre inteiramente individualizada. (FLEMING apud SOUZA, 1991, p. 36).

Se a avaliação é encarada como um método que pode ser processado de diversas maneiras, pode-se concluir que não é necessário ser realizada de forma individualizada. Pode-se sim realizar uma avaliação coerente e com pequenos prejuízos aos sujeitos que estão sendo avaliados de forma não individualizada, assim como coloca Antunes (2002, p. 17). Embora isso tudo dependa especificamente dos objetivos que o educador pretende alcançar. Desta forma, a avaliação também se torna eficiente sendo considerada:

[...] o produto de uma observação contínua ao longo do período escolar e não somente concentrada nos momentos de provas com e sem consulta, mas precisa aceitar também os trabalhos realizados individualmente e em grupos; a capacidade do aluno de encontrar e selecionar informações e sua propriedade em associá-las aos saberes que pertencem a sua estrutura cognitiva. Somente um “leque de múltiplos componentes pode o professor, como verdadeiro juiz, proferir um criterioso veredicto”. (ANTUNES, 2002, p. 17).

Como pode-se observar nas palavras de Antunes (2002, p. 17), o professor precisa trabalhar um leque de formas de avaliar o sujeito, sendo elas individuais, em grupos, com ou sem consulta, desconsiderando que qualquer uma delas seja menos eficiente na capacidade do sujeito encontrar e selecionar informações. Isso fará com que esse sujeito adquira uma propriedade em associar os saberes construídos que pertencem à sua estrutura cognitiva.

Observando a LDB no ponto de vista da avaliação do sujeito, entende-se que as habilidades já possuídas são indiscutivelmente avaliadas, sendo somente reconhecidas a partir de exames formais por parte do educador. Em nenhum

momento é colocado que o educador, responsável pelo desenvolvimento desse sujeito, possa de forma informal ou mesmo a partir de, no mínimo, uma observação conceber uma avaliação a partir de sua própria percepção das habilidades já trazidas com o sujeito, adquiridas em sua história de vida. Isso deixa claro que as habilidades já trazidas com o sujeito não terão valor algum se não conseguir demonstrá-las ou explaná-las mediante exames.

Mas como o educador pode não deixar que se perca, em algum momento desse exame, as reais habilidades trazidas com esse sujeito. Já que se entende que nem todas as habilidades de um sujeito podem ou devem ser somente avaliadas a partir de meios formais ou informais, mas a partir de um contexto muito maior em que contemple não somente as habilidades já trazidas, e sim o desenvolvimento que ele faz a cada momento, questionamento, resposta, formulação e reformulação, unindo em um só entendimento suas habilidades já incorporadas e aquelas a serem incorporadas. Com isso, realiza-se a descoberta de um novo conhecimento; e mesmo o educador estando bem estruturado não se encontra preparado para realizar uma avaliação no mínimo coerente dessa construção num caráter epistemológico.

Essa avaliação das habilidades, que é obrigatória na EJA, é colocada de certa forma contraditória, já que a EJA é uma modalidade educativa, constituída de participantes em busca de novos conhecimentos, tecnologias, domínio e aperfeiçoamento de habilidades.

Configurando as formas de inserção do adulto, pode-se traduzir algumas de suas ações para suas práticas cotidianas e profissionais, as quais propiciam desenvolvimentos e construções cognitivas à medida que o sujeito se apropria dos mecanismos de suas ações significadas no transcorrer de um processo de experiências.

Segundo o autor Piaget,

Operando sobre os objetos, o sujeito elabora, por sua ação mesma, estruturas e não é somente o teatro de uma reestruturação ou de uma reequilibração [...]. Na realidade o sujeito [...] testemunha de uma atividade que é solidária de sua própria história. (PIAGET apud SCHEIBEL, 2006, p.41).

Analisando esse contexto, é importante salientar que a avaliação das habilidades na EJA deve ser feita de uma forma construtivista e mediadora, pois

medir é intervir, é se colocar no meio de dois pontos, ou seja, entre a habilidade e o conhecimento. Em uma avaliação em que se busca um olhar todo especial para a habilidade do sujeito, o educador se liberta da concepção de verificador de respostas, valorizando unicamente o processo como isso ocorre e o sujeito que está envolvido. O olhar do educador deve estar focado nas habilidades do sujeito, o qual assume uma postura e uma atitude reflexiva, realizando intervenções (mediações) entre a etapa anterior e posterior do conhecimento do sujeito, possibilitando que este refine e crie a sua forma de olhar e pensar o ambiente e o mundo.

Portanto, as condutas, os comportamentos, as características da “interação dialética” do homem e seu meio sociocultural. Os fatores biológicos do ser integram-se nessa visão aos fatores culturais. Esses são resultados de uma longa evolução histórica. Desta forma, as funções psicológicas, especificamente humanas, estão profundamente interligadas ao desenvolvimento histórico e às formas sociais da vida humana.

A ênfase na cultura traz uma visão diferenciada de outras teorias. Ela explica o fato de que as habilidades, os desafios e as oportunidades envolvidos no desenvolvimento humano estão intimamente ligados aos valores e às estruturas da sociedade em questão. A cultura não é simplesmente uma ação externa, uma variável a mais, é parte integrante do desenvolvimento. (SCHEIBEL, 2008, p. 98 – 99).

Identificar e conseguir avaliar as habilidades que os sujeitos da EJA possuem e que estão se desenvolvendo é um processo e um comprometimento que o educador tem consigo mesmo e com o que existe de mais complexo dentro da janela da avaliação, pois o horizonte que seu olhar pode alcançar, mesmo sendo um educador pós-crítico, não consegue transcender esse horizonte.

[...] como procurarás por algo que nem ao menos sabes o que é? Como determinarás que algo que não conheces é o objeto de tua busca? Colocando de outra forma, mesmo que esbarres nisso, como saberás que o que encontraste é aquilo que não conhecias? (PLATÃO, 1956:128, apud DEMO, 2001, p.103).

Necessita-se chegar ao tempo de reconstruir-se, em conjunto, com os

princípios da prática avaliativa que buscam alicerçar as habilidades como uma das partes mais importantes da construção e significação do conhecimento.

Quando se pretende manter um projeto que permeia a avaliação, por si só, é preciso escutar e olhar todos os pontos de vista, dos que atuam contra e a favor, de uma avaliação que dê ênfase às habilidades e principalmente às suas formas, as quais não sepultem as habilidades já existentes no sujeito. Deve-se buscar identificar essas habilidades para que sejam desenvolvidas em um primeiro momento sozinhas e posteriormente agrupadas com as que este sujeito não desenvolveu. Essa aproximação chama-se de zona de desenvolvimento de habilidades proximais.

O desconforto de uma situação nova só diminui quando a enfrentamos, adaptando-nos às exigências, gradativamente, ajustando nossos passos, criando e recriando estratégias, diferenciais de ação e sentido à satisfação de alcançar os resultados esperados. (DEMO, 2001, p. 109).

A perspectiva de uma avaliação coerente das habilidades na EJA mostra que essa questão tão complexa deve ser tratada de forma reflexiva, ou seja, deve-se refletir uma prática em função de um processo constante de autocrítica. A avaliação das habilidades não é unidirecional, e sim uma forma complexa de poder identificar e detectar o patamar em que o sujeito se encontra em seu processo de construção do conhecimento. A partir desse olhar, os educadores podem elaborar atividades e interações pedagógicas que criem um ambiente e uma metodologia capazes de atingir este sujeito, não somente nas suas habilidades a serem desenvolvidas, ou mesmo nas já desenvolvidas, mas em um âmbito que alcance sua história de vida e idade cronológica.

Assim, a avaliação das habilidades pode fornecer dados e informações para que os educados possam refletir sobre sua prática avaliativa. Em outras palavras, a avaliação das habilidades abrange justamente a compreensão do processo de cognição do sujeito para possibilitar que o educador alcance inúmeras possíveis formas de desenvolvê-las e avaliá-las não somente num contexto de cunho valorativo, mas sim de forma construtiva do conhecimento.

O sujeito, como homem, é a medida de todas as coisas, dele e para ele. É com esse enfoque que as habilidades são propostas, vindo, portanto, a constituir em um movimento a ser assumido através da estimulação dos educadores,



não podendo ser imposta para o sujeito, e sim levando em consideração a sua interação, na condição de intermediar a elaboração do conhecimento como um processo pedagógico interativo.

Evidentemente, essa concepção nos coloca desafios adicionais, pois uma análise que busca desvelar as relações dinâmicas do comportamento, humano, ao invés de limitar-se à enumeração de suas características, e não admite conceber o indivíduo “de forma abstrata”, desvinculando as relações concretas de subsistência, do lugar que ocupa em determinado modo de produção e momento histórico... aponta para a discussão de novas questões.

Se os determinantes históricos criam limites, objetivos para as ações humanas, é preciso considerar, em contrapartida, que a própria história é uma construção humana e somente pela atividade dos homens pode permanecer estagnada, retroceder, ou, ao contrário, ser superada. (SOUSA, 1991, p. 22-23).

Pode-se identificar que na EJA a avaliação das habilidades, em qualquer totalidade, pode ser feita a qualquer tempo, independentemente da escolarização anterior do sujeito, porém sempre levando em consideração as seguintes áreas do conhecimento.

Sociolinguística: que são conhecimentos que envolvem diferentes linguagens e discursos, possibilitando reflexões na relação com a sociedade e a interação com os modos de expressão.

Sócio-histórica: são conhecimentos que envolvem a diversidade cultural, a construção e a transformação da realidade social, política e econômica.

Sociocientífica: são conhecimentos que envolvem as diferentes manifestações dos fenômenos naturais e cotidianos, considerando variáveis, hipóteses e análises. (SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO, 2003/2006, p. 77-79).

De acordo com a avaliação dessas áreas do conhecimento, tem-se a convicção de que o sujeito que se encontra em uma sala de aula da EJA precisa ter avaliada suas habilidades de uma forma especial e com um olhar totalmente diferenciado daqueles que estão nos anos iniciais. Esses sujeitos da EJA trazem consigo habilidades que muitas, ou quase sempre, são colocadas de lado por educadores não preparados ou que se recusam a mudar seu olhar. Tais educadores não entendem que esses

alunos são iguais aos dos anos iniciais, que se encontram em um tempo cronológico correto (se é que há realmente momento correto para construção do conhecimento), e onde as sinapses ocorrem com mais rapidez e facilidade.

Como de nada valem as boas ideias se não forem colocadas em prática, para associar a teoria e a prática, a abstração e a concretude de ação, a cada momento deve a EJA confrontar conceitos e reflexões de avaliações das habilidades do sujeito, buscando subsídios na prática profissional e nas observações e análises de seus educadores, para propor sínteses capazes de impulsionar as experiências e estágios mais amadurecidos e de alcance maior de resultados educacionais de educadores e sujeitos.

### **3 A vivência investigativa: principais resultados identificados**

Este trabalho será apresentado em um primeiro momento através de um projeto de pesquisa que identifique as formas e instrumentos usados na avaliação das habilidades na EJA, se essa forma e esses instrumentos usados para avaliar as habilidades do sujeito consideram as habilidades já existentes, e as valorizam como realmente devem ser avaliadas.

Em seguida, evidenciam-se subsídios que podem ser reconhecidos na prática docente realizada em sala de aula, em uma turma de EJA Nível I, em diversas disciplinas. O foco é sempre a forma como são desenvolvidas as habilidades e a avaliação do sujeito nas turmas T1, T2, T3, que correspondem ao Ensino Fundamental, divididas em alfabetização, e pós-alfabetização, da escola Presidente Vargas, situada na cidade de Caxias do Sul. Esta forma de aprendizado é desenvolvida nesta escola desde o ano de 2000.

Em um último momento, serão relacionados outros autores que tratam do tema e as formas como essa avaliação das habilidades ocorre na EJA. Serão ainda realizadas comparações para que se possa identificar algo a acrescentar e desenvolver nesse processo de avaliação das habilidades.

A tabela abaixo demonstra as relações estabelecidas entre o tema abordado, o objetivo estabelecido para a ação, o conteúdo da atividade e os recursos utilizados. Nesta demonstração, busca-se estabelecer uma diversidade de assuntos relacionados ao cotidiano dos sujeitos, evidenciando assim suas habilidades.

**Tabela 1:** Relação entre tema, objetivo, ação, conteúdo e recursos de atividades

<b>Tema</b>	<b>Objetivos/ Habilidades</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Recursos</b>
Valorização das Profissões	Reconhecer as profissões exercidas no grupo.  Expressar as ideias sobre o tema gerador.  Identificar as profissões no seu grupo social.	Relações interpessoais, língua portuguesa, sociologia, realidade brasileira.	Cartazes, revistas, jornais, impressões com algumas profissões, cola, cartolina, recortes.
Comparação de Ofertas	Efetuar cálculos lançando mão de estratégias pessoais.  Construir representações gráficas próprias.  Usar diferentes procedimentos de cálculo em função da situação proposta, das operações e dos números envolvidos.  Organizar dados e informações em tabelas de dupla entrada.	Números e operações.  Campo auditivo e visual.	Folhetos de ofertas de dois supermercados frequentados pela turma, cópias da tabela apresentada na 2ª etapa desta sequência e canetas coloridas.
Sequência	Conhecer e identificar sequências e saber como e onde são utilizadas.	Sequência.	Sala de informática, formas geométricas, lápis de cor, palitos de sorvete, novelo de fio, tampa de refrigerante PET, giz de cera.
Formas Geométricas	Investigar as relações entre as formas geométricas.  Identificar distintos elementos e analisar algumas propriedades das formas geométricas.  Reproduzir uma figura com base na análise das características dos elementos que a compõem.	Criar formas geométricas e relacioná-las com seu dia a dia.	Cópias da figura apresentada, papel quadriculado e instrumentos diversos, como régua, compasso, esquadro e transferidor.

Precisa Cuidar-se	Conhecer os hábitos saudáveis, sua importância e como desenvolvê-los.	Higiene pessoal.	Lápis, borracha, giz de cera ou lápis de cor, tesoura, cola, cartolinas.
Separação do Lixo	Utilizar a separação do lixo como medida para diminuir as ações que prejudicam o meio ambiente.  Saber a importância da separação do lixo e da reciclagem.	Meio ambiente.	Folha sulfite, lápis, borracha, tesoura, cola.
Agenda Telefônica	Refletir sobre o funcionamento do sistema alfabético de escrita.  Refletir sobre a ordem alfabética.	Sistema de escrita alfabética.	Alfabeto, tarjetas de cartolina e folhas pautadas com uma letra do alfabeto em cada.
Calendário Mensal	Compreender os dias do calendário mensal e relacioná-los com seu dia a dia.	Relações numéricas, organização no dia e função social do calendário.	Caderno, lápis, borracha, envelope transparente e lápis de cor.
Calendário Anual	Compreender os dias do calendário anual e relacioná-los com seu dia a dia.	Relações numéricas, organização no dia e função social do calendário.	Caderno, lápis, borracha, envelope transparente e lápis de cor.
Animais em Extinção	Familiarizar-se com o gênero expositivo.  Reconhecer as características dos animais e sua importância.	Seres vivos.  Meio ambiente.  Produção textual (textos informativos).  Procedimentos de pesquisa.	Revista, tesoura, cola, cartolina, canetinhas e papéis.

**Fonte:** Corpus da pesquisa

Após a realização de cada uma das atividades acima relacionadas, constatou-se que a avaliação deve ser norteada por parâmetros que assegurem a observação do real desenvolvimento dos sujeitos avaliados. Desta forma, buscou-se elencar alguns aspectos que pudessem dar sentido íntegro entre o que foi observado e os critérios estabelecidos para cada prática. Assim, abaixo estão relacionados os principais aspectos de avaliação evidenciados através da análise feita junto à turma da EJA.

- Desenvolvimento, questionamentos e objetivos alcançados durante o período que a aula acontece.

- Capacidade de identificar perfis profissionais e relacioná-los com seus colegas.
- Atuação individual na construção da resolução das atividades.
- Produção de informações corretas e suficientes para identificar imagens e signos utilizados no decorrer do processo (identificação de falas e produções).
- Ações efetuadas em todo o decorrer das atividades propostas.

#### **4 Considerações finais**

A avaliação não deve ser entendida apenas como um processo, mas como um desenvolvimento contínuo e integrado às atividades de tal forma que os sujeitos que estão sendo avaliados possam expressar, de forma ampla e clara, as habilidades que estão sendo desenvolvidas, independentemente do nível em que se está atuando, buscando sempre identificar formas de avaliação de cada sujeito individual e coletivamente. Ainda que esse processo seja complexo e falte acompanhamentos desejáveis para que se possa ter um bom andamento, sinaliza-se que a formação dos alunos de Pedagogia deve, além de observar, interagir e ajudar na elaboração de novas propostas para a condição de atividades processuais. Não se trata apenas de um novo ânimo trazido por estes estudantes do curso, mas, sobretudo, sobre um processo de construção conjunta de metodologias que se tornam eficazes no acompanhamento dessas avaliações.

Ainda restam muitas pesquisas a serem elaboradas sobre este tema, sobretudo de um melhor aproveitamento da atuação, enquanto agente social, dos alunos do curso de Pedagogia, e licenciaturas em geral, nas escolas estaduais do Rio Grande do Sul.

## *Referências*

ANTUNES, Celso. *Avaliação da aprendizagem*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20/12/1996 : *Lei de Diretrizes e Bases* (Lei Darci Ribeiro), São Paulo: EDIPRO, 2001.

DEMO, Pedro. *Grandes pensadores em educação: o desafio da aprendizagem, da formação moral e da avaliação*. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LEHENBAUER, Silvana (org.). *Saberes e singularidades na educação de jovens e adultos*. 1.ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação. Departamento Pedagógico. Divisão de Educação de Jovens e Adultos. *Diretrizes Político-Pedagógicas: ressignificando a educação de jovens e adultos*. Porto Alegre: DEJA/DP/SE, 2003-2006.

SOUZA, Clariza Prado (org.). *Avaliação do Rendimento Escolar*. 11.ed. Campinas: Papirus, 1991.

SCHEIBEL, Maria Fani (org.). *Reflexões sobre a educação de jovens e adultos - EJA*. Porto Alegre: Pallotti, 2006.